

temporada oesp 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR
MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA E FUNDAÇÃO
OESP APRESENTAM



CONCERTOS SINFÔNICOS
8, 9 e 10.8

futuros do passado

8.8 quinta 20h30 CEDRO - TRANSMISSÃO AO VIVO PELA INTERNET

9.8 sexta 20h30 ARAUCÁRIA

10.8 sábado 16h30 MOGNO

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP**
GIANCARLO GUERRERO REGENTE
JOYCE YANG PIANO

JACQUES OFFENBACH [1819-80]
Orfeu no Inferno: Abertura [1858]
9 MIN

SERGEI PROKOFIEV [1891-1953]
Concerto Para Piano nº 3 em Dó Maior, Op. 26 [1917-21]
ANDANTE. ALLEGRO
TEMA COM VARIAZIONI
ALLEGRO MA NON TROPPO
27 MIN

/ INTERVALO
20 MIN

JACQUES OFFENBACH [1819-80]
Os Contos de Hoffmann: Intermezzo e Barcarolle [1881]
6 MIN

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
Morte e Transfiguração, Op.24 [1888-9]
23 MIN

MORTE E TRANSFIGURAÇÃO, OP.24:

EDITORA ORIGINAL PETERS.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO: BARRY EDITORIAL (WWW.BARRYEDITORIAL.COM.AR).

OFFENBACH

Orfeu no Inferno: Abertura

Ironicamente, o compositor que hoje em dia é reconhecido por obras como o *Can-Can Infernal*, *Gaîté Parisiennes* ou a *Barcarolle* tentou ao longo de vários anos escapar da reputação de mestre de operetas e "musiquettes". Se não compôs *polkas* como o personagem central do conto de Machado de Assis, seu *Requiem* foi sua maior obra, póstuma.

Um exemplo dessa (talvez) pouco desejada popularidade de Offenbach foi a famosa opereta *Orphée aux Enfers*, de 1858. É uma paródia e, assumidamente picante, onde o mitológico Orfeu era apresentado como um infiel fanfarrão, ao sabor do *demi-monde* de seu tempo. O cúmulo da picardia era um bacanal onde escuta-se uma das peças mais populares da música ligeira do século XIX: o *Can-Can Infernal* com as dançarinas jogando as pernas para o alto para mostrar as roupas de baixo, num ápice da ousadia erótica!

A *Abertura da Operetta* está certamente entre as mais bem sucedidas do compositor, ainda que não possa ser acusada de ter segundas

intenções picantes. Como costume nas obras do gênero, traz uma coletânea dos melhores momentos musicais da obra, numa peça pensada para anunciar o início do espetáculo, convidando o público a tomar seus lugares.

Ao menos para nós no Brasil, a grande curiosidade de *Orfeu nos Infernos* está na ousadia que a obra "sofreu" na Corte do Rio de Janeiro uma década depois de sua criação: uma adaptação brasileira de autoria de Francisco Correa Vasques intitulada *Orfeu na Roça*. Famoso ator da época, Vasques obteve grande sucesso com esta paródia, onde Orfeu atendia pelo nome de Zeferino Rabeca, músico medíocre, casado com Brígida, num sítio onde acontecia uma festa de São João regada a paçoca e milho. Foi a época em que La Grande Duchesse de Gerolstein virou A Baronesa de Caiapó, Barbe-bleu renascia Barba de Milho, La Belle Hélène duplicava-se em Abel Helena e, La fille de Madame Angot, esta de Lecocq, virava A Filha de Maria Angu....

ANDRÉ HELLER-LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO DO THEATRO
MUNICIPAL DO RJ E PROFESSOR
DA ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ,
É PHD EM MUSICOLOGIA PELO
KINGS COLLEGE (LONDRES).

PROKOFIEV

Concerto Para Piano nº 3 em Dó Maior, Op. 26

Fundindo a dissonância herdada do fim do século XIX ao advento da música popular — urbana — especialmente o jazz —, ou efetuando colagens de temas urbanos e folclóricos, [certas] obras modernistas [...] trazem à tona o caos das massas, a agitação frenética, o *voyeurismo*. À medida que aceleram os tempos e quebram os ritmos e métricas, estas obras nos descortinam o deslumbre e o impacto ocasionado pelas novas formas de organização urbana e comportamental do conturbado século XX. [...]

[No] *Concerto Para Piano nº 3 em Dó Maior, Op. 26*, de Sergei Prokofiev, [...] é impressionante a riqueza de nuances, os contrastes entre os gestos românticos e modernistas, as mudanças abruptas de caráter, o tenso e intenso diálogo entre piano e orquestra, bem como a unidade alcançada a despeito da enorme gama de materiais utilizados. As citações do passado romântico são realizadas com distanciamento, ironia e humor, não havendo qualquer espécie de apelo nostálgico.

Seus momentos de devaneio lírico são de uma rara beleza apolínea e impressionista. No segundo movimento, o tratamento de variações conferido ao tema principal mostra-nos a verve criativa e a inventividade melódica de Prokofiev. Seu virtuosismo pianístico nunca é mero exibicionismo, pois está sempre a serviço dos conteúdos musicais. Há na música desse grande pianista e compositor um viés clássico de crítica e autocrítica, uma inquietude, uma permanente reflexão sobre a história da música e um constante diálogo com suas próprias obras. Sua ironia e contundência tornam-se patentes no terceiro movimento, quando aos gestos românticos que procuram impor-se é contraposto, no final, o penetrante tema principal que nos atira novamente no turbilhão do vertiginoso século XX. [...]

EDUARDO SEINCMAN

É COMPOSITOR E PROFESSOR DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA USP. ENTRE OUTROS LIVROS, É AUTOR DE *ESTÉTICA DA COMUNICAÇÃO MUSICAL* E *DO TEMPO MUSICAL* (VIA LETTERA, 2008 E 2002, RESPECTIVAMENTE).

OFFENBACH

Os Contos de Hoffmann: Intermezzo e Barcarolle

Já aquele Offenbach que queria mostrar-se capaz de criar uma grande obra pode ser observado naquela que viria a ser sua última obra, póstuma. Por isso a escolha de uma ópera que desse visibilidade ao seu domínio técnico e inventividade. E sua preocupação era justificada: sua primeira tentativa "séria", em 1864, havia sido *Die Rheinnixen*, que, apesar de ter música de qualidade, acabou fracassando por conta de um libreto débil. Por isso, quando decidiu abordar o já existente "drama fantástico em 5 atos" sobre o poeta Hoffmann, Offenbach planejou tudo com muito cuidado, buscando um de seus autores, Jules Barbier, para elaborar o *libreto*. Vários novos versos foram acrescentados e mesmo páginas inteiras tiveram de ser totalmente reescritas – inclusive para os números tirados de *Rheinnixen*, dentre eles a famosa *Barcarolle*. O projeto imaginado, destinado para estrear no Théâtre de la Gaîté-Lyrique antes do final da década de 1870, era *Les Contes d'Hoffmann*.

Peça de abertura do "ato de Veneza", a *Barcarolle* trazia a musa da poesia (travestida no rapaz Nicklause), cantando uma ode à "bela noite, inebriante noite de amor...", a voz da cortesã Giulietta e do coro juntando-se a ela depois. Ato dedicado aos prazeres do jogo, da bebida, a magia e ao êxtase sexual, não é de surpreender que a moral da época tenha forçado modificações. O plano dramático original era que Hoffmann, depois de descobrir que Olympia não passava de uma boneca sem vida e de ver morrer a virtuose Antonia, se entregaria ao vício nos braços da cortesã Giulietta. A moral vitoriana impôs o contrário: os atos foram trocados de ordem, e depois da decadência moral o poeta buscaria redenção nos braços puros de Antonia. Mais tarde, ao longo das tantas versões da obra, o ato de Veneza chegou a se cortado em sua integridade, mas a popular *Barcarolle* sobreviveu pois a música era boa demais.

ANDRÉ HELLER-LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO DO THEATRO MUNICIPAL
DO RJ E PROFESSOR DA ESCOLA DE
MÚSICA DA UFRJ, É PHD EM MUSICOLOGIA
PELO KINGS COLLEGE (LONDRES).

RICHARD STRAUSS

Morte e Transfiguração

Pouco antes de morrer aos 85 anos, Richard Strauss disse à sua nora que não tinha medo da morte: ela seria exatamente como havia composto em *Morte e Transfiguração*. Poucos meses antes, Strauss tinha lido o poema "Im Abendrot" [Ao Pôr do Sol], de Joseph von Eichendorff. Quando chegou aos versos "Como estamos cansados de vagar — será isso a morte?", pegou o lápis e anotou o magnífico tema de *Morte e Transfiguração*, escrito quase 60 anos antes. Pouco depois, como que resumindo o trabalho de sua vida, incluiu-o nas páginas finais do ciclo de von Eichendorff, hoje conhecido como *Quatro Últimas Canções*.

Na sua ópera *O Cavaleiro da Rosa*, a personagem da Marechala diz: "Ter medo do tempo é inútil, pois Deus, atencioso com todos os seus filhos, em sua sabedoria o criou". Como a Marechala, Strauss sempre ouviu o relógio andar, e não conseguia evitar pensar na morte. Dizia que desde muito jovem tinha desejado compor uma música que acompanhasse as horas de agonia de um homem que tivesse tentado alcançar "os mais altos ideais" e, ao morrer, visse sua vida passar diante dele.

Em 1888-89, sem um único fio de cabelo branco e com mais 60 anos de vida e de música à sua frente, Strauss escreveu de maneira convincente sobre os últimos dias de vida de um homem. É a visão de um jovem sobre a morte e uma visão romântica da velhice, que mal resvala nas assustadoras verdades da doença e da falta de esperança.

Mesmo assim, a obra aparentemente satisfazia o próprio Strauss ao fim de sua vida. Compositor de ópera nato, Strauss começa *Morte e Transfiguração* de maneira sombria e incerta, como uma cena no leito de morte em que se ouvem apenas os sons das vacilantes batidas do coração do doente. Uma passagem frenética retrata a luta com a morte e, ao final, abre espaço para o tema central da obra, um impressionante motivo de seis notas, caracterizado por um salto de oitava que representa os ideais do artista.

Tem início, então, um penetrante fluxo de memórias, primeiro revisitando a infância, depois a juventude, maravilhosamente evocada pela arrogância autoconfiante das trompas, chegando a romances tão apaixonados que, só de lembrá-los, fazem o coração palpitar (o que é representado pelos metais graves e pelos tímpanos).

O herói aproveita as lembranças antes de um momento final de luta. A própria morte chega acompanhada por uma batida solene do gongo. A transfiguração é como um dos grandes *finales* de ópera do próprio Strauss, unindo os principais temas da obra, por meio de uma série de clímax tocantes, em música de radiante beleza.

PHILLIP HUSCHER

É O RESPONSÁVEL PELAS NOTAS DE PROGRAMA DA ORQUESTRA SINFÔNICA DE CHICAGO. TRADUÇÃO DE ROGÉRIO GALINDO. © 2011 ORQUESTRA SINFÔNICA DE CHICAGO. REIMPRESSO SOB PERMISSÃO.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—
Fundada em 1954 e hoje reconhecida internacionalmente por sua excelência, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Em 2012, Marin Alsop tornou-se Regente Titular, tendo sido nomeada Diretora Musical em 2013 (até o fim de 2019). Em 2020, Thierry Fischer assumirá o posto de Diretor Musical. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No ano passado, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtshevsky — projeto que se soma a seus mais de 80 álbuns lançados — recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



GIANCARLO GUERRERO REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM 4 DE AGOSTO DE 2019

—
Nascido na Nicarágua, cresceu na Costa Rica e estudou nos Estados Unidos. Por seis vezes vencedor do Grammy, é Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Nashville e da Filarmônica de Wrocław (Polônia), além de Principal Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian (Lisboa). Tem regido orquestras como as Sinfônicas de Baltimore, Boston, a Sinfônica da Rádio de Frankfurt, as Filarmônicas de Bruxelas, das Rádios Alemã e Francesa, da Holanda e de Londres, além da Osesp.



JOYCE YANG PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

—
Nascida em Seoul, graduou-se com honra na Juilliard School of Music (Nova York), foi premiada no Concurso Internacional de Piano Van Cliburn e estreou com a Filarmônica de Nova York em 2006. Pela gravação com Augustin Hadelich, recebeu o prêmio Avery Fisher Career Grant e foi nominada ao Grammy. Apresentou-se com orquestras como a Sinfônica de Chicago, as Filarmônicas da BBC e de Los Angeles e a Deutsches Symphonie-Orchester, de Berlim.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA

DAVI GRATON SPALLA***

YURIY RAKEVICH

LEV VEKSLER*** EMÉRITO

ADRIAN PETRUTIU

IGOR SARUDIANSKY

MATTHEW THORPE

ALEXEY CHASHNIKOV

AMANDA MARTINS

ANDERSON FARINELLI

ANDREAS UHLEMANN

CAMILA YASUDA

CAROLINA KLIEMANN

CÉSAR A. MIRANDA

CRISTIAN SANDU

DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS

ELENA KLEMENTIEVA

ELINA SURIS

FLORIAN CRISTEA

GHEORGHE VOICU

INNA MELTSEY

IRINA KODIN

KATIA SPÁSSOVA

LEANDRO DIAS

MARCIO AUGUSTO KIM

PAULO PASCHOAL

RODOLFO LOTA

SORAYA LÂNDIM

SUNG-EUN CHO

SVETLANA TERESHKOVA

TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER EMÉRITO

MARIA ANGÉLICA CAMERON

PETER PAS

ANDRÉS LEPAGE

DAVID MARQUES SILVA

ÉDERSON FERNANDES

GALINA RAKHIMOVA

OLGA VASSILEVICH

SARAH PIRES

SIMEON GRINBERG

VLADIMIR KLEMENTIEV

ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS

VICTORIA HARRILD*

HELOISA MEIRELLES

RODRIGO ANDRÁDE SILVEIRA

ADRIANA HOLTZ

BRÁULIO MARQUES LIMA

DOUGLAS KIER

JIN JOO DOH

MARIA LUÍSA CAMERON

MARIALBI TRISOLIO

REGINA VASCONCELLOS

WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXO

ANA VALÉRIA POLES

PEDRO GADELHA

MARCO DELESTRE

MAX EBERT FILHO

ALEXANDRE ROSA

ALMIR AMARANTE

CLÁUDIO TOREZAN

JEFFERSON COLLACICO

LUCAS AMORIM ESPOSITO

NEY VASCONCELOS

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO

FABIOLA ALVES PICCOLO

JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES

SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCÁDIO MINCZUK

JOEL GISIGER

NATAN ALBUQUERQUE JR.

CORNE INGLÉS

PETER APPS

RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OVANIR BUOSI

SÉRGIO BURGANI

IVALDO ORSI CLARONE

DANIEL ROSAS

GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO

JOSÉ ARION LIÑAREZ

ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE

FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA

ANDRÉ GONÇALVES

JOSÉ COSTA FILHO

NIKOLAY GENOV

LUCIANO PEREIRA DO AMARAL

EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA

GILBERTO SIQUEIRA EMÉRITO

ANTONIO CARLOS LOPES JR.***

MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI

WAGNER POLISTCHUK

ALEX TARTAGLIA

FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA

FILIPE QUEIRÓS

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO

RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO

ALFREDO LIMA

ARMANDO YAMADA

EDUARDO GIANESELLA

RUBÉN ZÚNIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA

MÚSICOS CONVIDADOS DO PROGRAMA

DANIEL FILHO TROMPA

PAULO GALVÃO VIOLINO

SOLEDAD YAYA HARPA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR

JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO

SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA

CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

FÁBIO COLLETTI BARBOSA

VICE-PRESIDENTE

ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS

ALBERTO GOLDMAN

ENEIDA MONACO

HELIO MATTAR

JOSÉ CARLOS DIAS

LUIZ LARA

MARCELO KAYATH

MÔNICA WALDVOGEL

PAULO CEZAR ARAGÃO

STEFANO BRIDELLI

DIRETOR EXECUTIVO

MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO

ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE

FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

(*) MÚSICO CONVIDADO

(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA, INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.



Lei de Incentivo à
CULTURA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Claudio Tozzi

São Paulo, SP, Brasil, 1944

Detalhe da obra ***Astronauta liberdade***, 1969-1970

acrílica e tinta alquídica sobre tela colada

sobre aglomerado

241 x 415,6 x 5 cm

Coleção Roger Wright, em comodato com a

Pinacoteca do Estado de São Paulo

Crédito fotográfico: Acervo do artista

Serviços Sala São Paulo



/osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br